

A LEITURA E A PRODUÇÃO TEXTUAL NO AMBIENTE ESCOLAR: PROMOÇÃO DE PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA

Gleidenira Lima Soares¹
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Janine Félix da Silva²
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Resumo

A intenção dessa pesquisa foi a de promover práticas de leitura e escrita em sala de aula, tendo como objetivo despertar nos alunos do 5º ano “A” o interesse pelo ato de ler, mostrando a importância que a promoção da leitura tem no ambiente escolar. Relatar que tais atividades podem gerar bons resultados como a iniciação do aluno nesse processo de formação do leitor e a confecção de histórias e ilustrações oriundas das leituras desenvolvidas em sala de aula.

Palavras-Chave: Leitura; Produção textual; Prática docente.

Introdução

A prática da leitura no ambiente escolar tem início dentro de sala de aula, a partir do momento em que o professor, mediador do conhecimento, busca apresentar aos estudantes as diversidades de materiais impressos, utilizando-se de iniciativas que oportunizem o acesso aos variados gêneros textuais. A sala de aula é um ambiente propício para promover esse encontro entre os alunos e os textos, um lugar onde o aluno tem a oportunidade de buscar e adquirir conhecimentos novos, local de desvelamento em que o

¹ Professora Mestra, lotada no Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem da Fundação Universidade Federal de Rondônia.

² Professora Mestra, lotada no Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem da Fundação Universidade Federal de Rondônia.

indivíduo sente a necessidade de preencher as lacunas existentes em seu processo de aprendizagem.

A presente pesquisa foi realizada na Escola Franklin Delano Roosevelt, localizada na margem direita do Rio Madeira, sito Rua Rio Machado nº 888, bairro Triângulo, município de Porto Velho, Estado de Rondônia, identificada pela Secretaria de Estado da Educação e Cultura – SEDUC, como Pólo VII. Sua localização está bem próxima ao centro da cidade.

A escolha da referida instituição deu-se pelo fato de a mesma apresentar ambiente propício para o desenvolvimento da pesquisa, visto que a professora da referida turma realiza atividades de leitura e escrita.

Assim a metodologia adotada foi a pesquisa-ação que caracteriza-se por combinar investigação e intervenção no processo de pesquisa, possibilitando, no caso específico desta pesquisa, o trabalho em conjunto com o professor e com os alunos no desenvolvimento das atividades. A pesquisa buscou apoio em teórico-pesquisadores tais como Silva (2003), Antunes (2009), Sabinson (2011), Cagliari (2008 e 2009) dentre outros. Podemos assegurar, portanto, que os objetivos foram alcançados, vez que, assim como o proposto, existiu a promoção e o despertar para a importância do ato de ler e escrever, ratificando o valor de tais práticas no ambiente escolar.

Discursos sobre os atos de ler e escrever e suas práticas

A opção por este tema provém da necessidade de encontrar respostas a diversas perguntas que nos afligiram no decorrer da pesquisa. A partir de então, passamos a questionar: Como são desenvolvidas as atividades de leitura e escrita pelo professor? Como os alunos vivenciam a leitura e a escrita? Qual a melhor maneira de contribuir para que as práticas de leitura e escrita sejam desenvolvidas pelo professor da referida escola, de maneira a agregar todos os alunos praticantes ou não do hábito de ler?

Durante o desenvolvimento da pesquisa, buscamos materiais que nos propiciaram uma maior compreensão teórica, para responder as questões já

elencadas que nos afligia no transcurso das atividades propostas. Apoiados em estudos científicos desenvolvidos sobre as concepções de leitura e como tal prática em sendo exercida em sala de aula.

Recorremos a Sabinson, no que se refere às práticas de leitura e como seria possível despertar a paixão pelo ato de ler:

[...] *ensina-se paixão? Paixão provoca-se, paixão desperta-se, paixão tem-se, mostra-se, sente-se, esconde-se, disfarça-se, mas não se ensina* (grifos da autora). Eu diria que um professor precisa é despertar/provocar paixão nos seus alunos. (SABINSON, 2001, p. 59).

Entendemos que a paixão pela leitura deva ser despertada nos educandos com a mediação do professor, através de doses homeopáticas de atos de leitura nas salas de aula como: contação de histórias, rodas de leituras, leitura compartilhada, dentre outras atividades, fazendo com que o aluno se envolver e adquira tal prática como hábito, despertando a curiosidade nos membros de sua família, ao relatar sobre o livro que leu e/ou ouviu durante as práticas de leitura realizadas em sala de aula.

No entanto, a função de despertar o ato de ler não é responsabilidade exclusiva do educador, qualquer pessoa, membro ou não da escola, pode exercer tal prática basta ser leitor efetivo e desenvolver atividades de promoção de leitura como contação de histórias. O que realmente vai importar será o contato dos alunos com um mundo novo através de livros, revistas, jornais, gibis dentre outros materiais impressos e por que não eletrônicos? Visto que a atual geração é mais tecnológica e “antenada” conectada com as informações on-line.

Vale ressaltar que atividades de leitura devem ser todas planejadas desde o número de crianças e/ou jovens atendidos, o nível de leitura desses indivíduos: já sabem ler ou apenas decodificam as palavras, quantos ainda não conseguem ler, para que seja feita a seleção de livros, nesse caso devemos utilizar livros verbais (com histórias curtas e/ou médias) e livros não verbais.

A promoção de leitura nas escolas deve ocorrer frequentemente, com horário específico para seu início e não apenas nos intervalos entre os

conteúdos como uma espécie de tapa buracos. O ideal seria que durante a semana tivéssemos um dia inteiro de leituras, mas infelizmente quando alguns professores planejam atividades como rodas de leituras em suas turmas são vistos erroneamente por seus pares como descumpridores de seu dever, ou seja, introdução de conteúdos.

Assim, Silva (2003) ratifica:

A promoção da leitura na escola e a concomitante formação de leitores não podem seguir os ditames da improvisação e do descaso, como se esses processos ocorressem por passe de mágica ou por impregnação que decorre da abundância de materiais escritos que circulam atualmente na sociedade. Não: a dinamização da leitura entre os estudantes deve seguir uma ordem, deve ter um horizonte, deve ser fundamentada em ações coerentes dos professores e de todo o coletivo escolar. (SILVA, 2003, p. 91).

Diante dessa afirmação, estamos convencidas de que a responsabilidade da escola (todos os professores) em formar leitores é imensa e que é tanto maior quando ela atende alunos que não tenham contato com diversidade de materiais escritos nem relações com leitura e leitores na comunidade de origem e, muito menos, na família.

Isso faz com que o primeiro contato desses estudantes com um livro impresso comece a partir da visão e do toque, o estudante visualiza (escolhe o livro) e busca aprofundar tal contato no momento em que se utiliza do outro órgão do corpo humano, o tato, ou seja, o sentir a textura do papel e as ilustrações contidas na capa da obra, posteriormente esse contato se intensifica quanto são acionados os demais órgãos olfato e audição, pois a leitura efetiva só ocorre quando realmente estamos envolvidos com livro.

Portanto, Granjeiro e Amaral, definem que:

Ler não é apenas relacionar-se com o livro, admirar a capa, sentir a textura do papel, cheirá-lo, senti-lo, ouvir o barulho das páginas, decifrá-lo com presteza, devorá-lo inteirinho. Ler é também se atualizar, aprofundar os conhecimentos, argumentar com outros interlocutores. (GRANJEIRO e AMARAL, 2007, p. 220).

Acreditamos, portanto, que essa relação íntima com a leitura favorece a formação do cidadão. É através dela que podemos descobrir outros lugares “[...] outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia [...]” (KHÉDE, 1986, p.17). Além, é claro, de ensinar a língua e suprir as grandes lacunas intelectuais, morais e pessoais do ser humano. Favorecendo ainda um melhor desenvolvimento de produções textuais.

Ao abordarmos conceitos sobre a produção de texto, recorreremos à base teórica que serve de alicerce para a produção deste artigo, assim Antunes (2009, p. 209) enfatiza que [...] escrever é, simultaneamente, inserir-se num contexto qualquer de atuação social e pontuar nesse contexto uma forma particular de interação [...]. Desse modo, entendemos que os alunos precisam ter a oportunidade de se expressar através das produções textuais, acreditamos, no entanto, que não exista ambiente mais propício que à escola, local onde inicia-se o processo de aprendizagem do indivíduo, tais como as práticas de leitura e escrita.

Entendemos que práticas de leitura e escrita são fundamentais para o cidadão. Assim, Cagliari (2009, p. 89) destaca: “[...] a escrita requer decifração para ser entendida, e decifrar é devolver o texto escrito à forma oral de realização da linguagem”, destarte, as práticas de ler e as produzir textos escritos estão numa via de sentido único no trajeto de aprendizagem. Por isso, acreditamos que durante as práticas de leitura, o educando se utiliza da escrita, seja através de desenhos, gravuras ou ilustrações, como modo de expressão, pois ele registra nesses escritos o que lhe foi mais significativo na leitura.

Desse modo, não podemos pensar em leitura dissociada da escrita, visto que, ler e escrever são ações complementares (COSTA, 2008, p.66). No entanto, quando imaginamos práticas de leitura e escrita pensamos de imediato no ambiente escolar. Cagliari (2008, p. 103) enfatiza que: a escrita, seja ela qual for, tem como objetivo primeiro permitir a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala.

Análise e resultados da pesquisa

A partir das observações faremos uma análise sobre as questões estruturais e nível morfológico das produções.

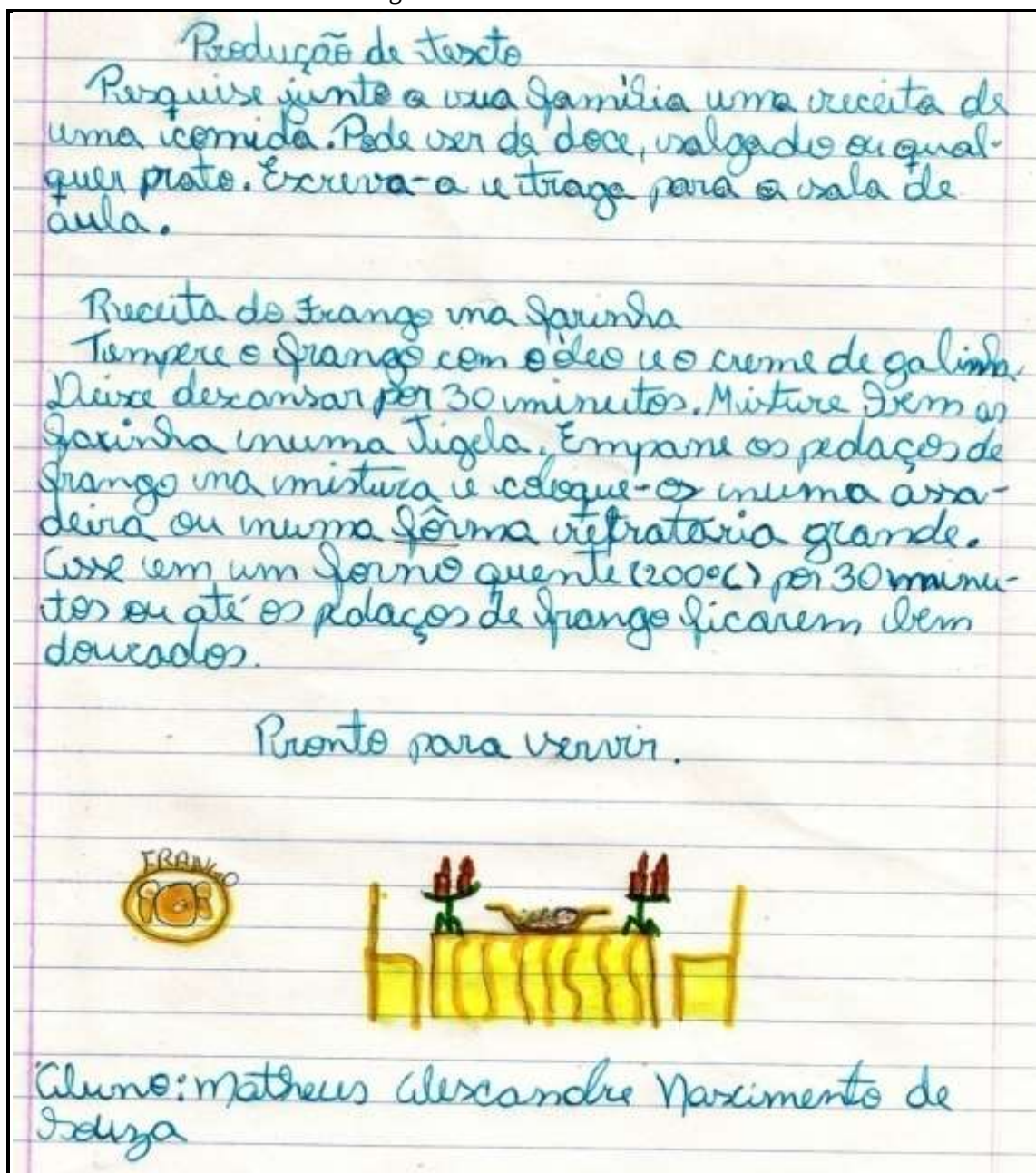
PRODUÇÃO DE TEXTO

Em Porto Velho, temos uma estação de trem esquecida, (Estrada de Ferro Madeira Mamoré). Se você fosse escrever para uma autoridade pedindo a recuperação dos trilhos e o funcionamento do trem, o que você argumentaria?

Porto Velho 19 de outubro de 2019
Excelentíssimo Senhor Prefeito de P.V.H. Roberto Sobrinho
A estrada de Ferro está muito abandonada
podendo fazer mais turismo mais nos
vestibos as autoridades pedem recursos
esta polêmica.
Seu filho do Triângulo mor-
mos aqui faz muitos anos fomos
os nossos filhos nasceram e cresceram
neste bairro e agora os nossos netos
e até hoje não fizeram pelo nosso
bairro.
Vossa Excelência Roberto Sobrinho
vem por meio desta pedir que
vossa Senhoria tenha olhar pelo nosso
antigo bairro do Triângulo pois
todos os moradores estão sendo
esquecidos pelo poder público, há
que fazer um serviço de limpeza, tra-
a, e outras necessidades de ajuda por
fazerem o bairro do Triângulo
fazendo de novo os passeios de
trem a nossa alegria e de todos
os moradores.

Revista Língua Viva, Guajará-Mirim/RO, Vol. 3, N. 1, p. 18-28, mar./Ago. 2013

Figura 2 – Receita Culinária



Fonte: Aluno do 5º Ano, 2010. Matheus.

Ao realizarmos a comparação dos gêneros, observamos o quanto o estudante tem a expor. Podemos notar claramente uma melhor aptidão ao trabalhar com o texto injuntivo (receita culinária), do que com a carta. Podemos levantar aqui algumas hipóteses a respeito dessa facilidade em desenvolver um gênero ou outro. Em se tratando dessa comparação, o aluno está mais

habituação a ajudar com afazeres domésticos em sua residência, do que redigir cartas a quem quer que seja.

Contudo, não podemos deixar de mencionar que o estudante que redigiu a carta conhece a estrutura dessa tipologia textual, pois poderemos notar, logo no início, a localidade onde o emissor encontra-se e a data de sua produção; identificamos facilmente o destinatário, o texto apresenta a realidade vivenciada pelos moradores do bairro Triângulo, porém, as ideias são bem confusas. Acredito que faltaram mais argumentos e uma maior clareza na exposição das ideias.

No entanto, pretendemos aqui comprovar que tais fenômenos ocorrem com certa organização assim como assegura Bagno:

Ao contrário da Gramática Tradicional, que afirma que existe apenas uma forma certa de dizer as coisas, a Linguística demonstra que todas as formas de expressão verbal têm organização gramatical, seguem regras e têm uma lógica linguística perfeitamente demonstrável. Ou seja: nada na língua é por acaso. (BAGNO, 2007, p. 73).

Podemos assegurar que os alunos estão testando hipóteses para suas dúvidas de grafia, já que se sentem inseguros durante as tarefas de escrita. Vale ressaltar que a ortografia é o fenômeno com maior recorrência nos textos submetidos à análise.

Resultado significativo foi a não ocorrência dos seguintes fenômenos rotacização, epítese do /i/; contração das proparoxítonas em paroxítonas (aceleração no ritmo da fala); transformação do [l] em [lh] e o arcaísmo “erros privativos de variedades rurais e/ou submetidas à forte avaliação negativa”. Os “erros” esperados para as comunidades rurais ou ribeirinhas, como é o nosso caso, não aparecem nos textos dos alunos, o que vem comprovar a tese de que esses moradores podem ser classificados como “rurbanos”, terminologia adotada por Bortoni-Ricardo (2005).

No nível fonológico foram encontrados os seguintes fenômenos:

Quadro 1 – Ocorrências no Nível Fonético-Fonológico

NÍVEL MORFOLÓGICO	
Conjugação Verbal	Resolver > resover Estamos > estados
NÍVEL SINTÁTICO	
Concordância Nominal	... bem as farinha...
Concordância Verbal	... somos filho...

Fonte: SOARES, G. L, 2010.

Pudemos constatar, a partir do desenvolvimento das atividades dentro de sala, alguns resultados. A primeira vista observamos que os educandos interessaram-se pela pesquisa, tendo em vista a participação nas atividades de socialização da leitura, e o interesse pelos gêneros apresentados.

Outro resultado obtido no decorrer da pesquisa foi à familiarização dos alunos ao ambiente da biblioteca, mesmo que de forma tímida averiguamos que parte dos alunos envolvidos na pesquisa, passaram a frequentar a biblioteca da escola e fazer empréstimo de livros.

Os resultados alcançados não se resumiram apenas ao despertar o gosto pelo ato de ler e escrever dentro da sala de aula, foram além, os alunos responderam as essas atividades de promoção da leitura e escrita, materializando a leitura feita em sala de aula nas produções escritas e ilustrações. Durante o desenvolvimento das atividades obtivemos como respostas às leituras praticadas, produções escritas e ilustrações das histórias abordadas e de outras que os alunos conheciam. Alguns recontaram as histórias apresentadas por meio de desenhos, outros escreveram versões novas para as narrativas lidas.

Considerações finais

Percebeu-se que as práticas de leitura e escrita no ambiente escolar são compostas por fases, para a formação de leitores e exímios escritores, a escola/professor deve se posicionar como mediador do conhecimento, desse modo, precisa transformar sua visão tradicional quanto às práticas de leitura e escrita, precisa tornar a leitura uma ação em que o educando obtenha prazer e não veja tal ação como obrigação. Acreditamos, portanto, que a criança deva

ser apresentada a materiais impressos o quanto antes, para que o processo de familiarização ocorra gradativamente.

Assim sendo, quanto essa criança inicia sua caminhada na educação formal, (ensino infantil, básico, fundamental e médio), não desenvolverá pela leitura e escrita sentimento negativo, de aversão. Pelo contrário encontrará nos livros respostas para suas inquietações, cabe ao professor à tarefa de conquistar cada vez mais os educandos, através de atividades prazerosas e não como método de punição. A prática de leitura de ser desenvolvida sem cobranças, ou seja, o aluno deve sentir vontade de ler.

Desse modo, a prática de escrita será uma maneira de o aluno externar seu entendimento, opinião ou ponto de vista a respeito foi descoberto durante a leitura, uma vez que a leitura faz com que o indivíduo divulgue o conteúdo lido, apresentando aos seus pares novas descobertas e experiências, com riquezas de detalhes.

Portanto, enfatizamos novamente a importância de o professor deve ser leitor efetivo e de desenvolver atividades de leitura e escrita frequentes, junto aos seus alunos, para que esses educandos iniciem o processo de leitores e escritores.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, Marcos. **Nada na Língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegamos na escola, e agora? Sociolinguística e Educação**. São Paulo: Editorial, 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 2009.

_____. **Alfabetização & linguística**. São Paulo: Scipione, 2008.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GRANJEIRO, Glória Valladares & AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. **Educação inclusiva e formação de leitores**. In. **Cultura, leitura e**

linguagem: discursos de letramento. AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do; TEZZARI, Neusa dos Santos (org.). Porto Velho-Ro: EDUFRO, p. 217-230, 2007.

WERNECK, Regina Yolanda. **O problema da ilustração no livro infantil.** In: KHÉDE, Sônia Salomão. **Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico.** 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

SABINSON, Maria Laura Trindade. **O que se ensina quando se ensina a ler e escrever? Ensina-se, mesmo, a ler e escrever?** In: **Leitura: teoria e prática.** Revista Semestral da Associação de Leitura do Brasil. Campinas/SP: ALB; Porto Alegre: Mercado Aberto, nº 38, p. 52-60, mar/2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Conferências sobre Leitura – Trilogia Pedagógica.** São Paulo: Autores Associados, 2003.